



# HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Sapucaia do Sul, RS, V.4, N.3, 2017

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



## Expediente

Diretor-geral Câmpus Sapucaia do Sul  
Mack Léo Pedroso

Diretor-adjunto  
Carlos Alexandre Wurzel

Chefe do Departamento de Ensino  
Fábio Roberto Moraes Lemes

Coordenador do Curso Técnico em Administração  
Guilherme Reichwald Jr.

Coordenadora do projeto Histórias  
Suzana Trevisan

Histórias que merecem ser contadas  
Sapucaia do Sul, RS, dezembro de 2017  
V.4, N.3, 2017

Organização e Edição  
Débora Taís Batista de Abreu

Projeto gráfico e diagramação  
Giovana Smialowski  
Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade  
Semestral

Impressão  
Coordenadoria de Produção e Editoração Gráfica - IFSul  
Câmpus Pelotas

# Sumário

- 05 Apresentação | Margarete Noro
- 06 Uma nova vida | Ana Paula Prestes da Costa Nunes
- 08 Vida! | Berenice de Souza Adolfo
- 10 Infância | Daniele Silva Cervo
- 11 Sobrenome | Gisele Cardoso do Nascimento
- 13 O encontro de um grande amor | Gleice Priscila Viana Vargas
- 14 Gratidão à família que tenho | Grazielle Mariana Santos de Souza
- 16 Um fim de semana divertido | Isabel Cristina de Paula Velinho
- 17 Minha trajetória de estudante | João Marcelo Pires Nunes
- 19 A mão de Deus em nossas vidas | Karen Patrícia Vicente Fischborn
- 21 Te amarei eternamente! | Margarete da Silva Freitas
- 22 A volta para casa | Odeti Maria Pereira Camargo
- 24 Minha segunda mãe | Rosemeri Pagani de Souza
- 26 Meu novo recomeço | Sílvia Maria Rodrigues
- 28 Ama de leite | Vanessa Crislaine dos Santos
- 29 Superação | Vera Lúcia Rosa da Silva



## Apresentação

Caros leitores e leitoras,

Na comemoração dos 10 Anos do PROEJA no Brasil, recuperar um pouco da história da EJA dentro de nosso IFSul, cuja tradição era a de ofertar somente educação profissional de excelência, me traz belas recordações. Iniciamos o Ensino Médio para Adultos – EMA – em agosto de 2000 com uma turma de 24 trabalhadores da indústria de beneficiamento e embalagem de arroz, na faixa etária de 24 a 46 anos, no Campus Pelotas. O curso era noturno com duração de quatro semestres e o ingresso, por sorteio.

O EMA iniciou no Campus Sapucaia do Sul no segundo semestre de 2002, com 18 estudantes. Sua concepção pedagógica, dentro dos pressupostos da EJA, fundava-se numa metodologia voltada para a construção do conhecimento, a mobilização do raciocínio e a solução de problemas integrando os componentes curriculares através de projetos de trabalho semestrais. O EMA foi mantido até o final de 2007, sendo que era desejo de muitos estudantes que fosse possível articular o mesmo com um curso de formação técnica, para que prosseguissem seus estudos.

Assim, no início de 2007, são implantados os cursos PROEJA como uma política do governo federal voltada à elevação da escolaridade de jovens e adultos que possuem apenas o ensino fundamental. E é justamente aqui que a EJA, o EMA e a formação profissional se entrelaçam com a bela história dos escritores e escritoras deste livro!

O projeto “Histórias que merecem ser contadas”, desenvolvido pelos estudantes do 4º semestre do Curso Técnico de Administração com a orientação da Profª Débora Taís Batista de Abreu, valida outras formas de dar sentido ao que se aprende no espaço escolar. As narrativas aqui apresentadas nos convidam, então, a uma prazerosa leitura.

Sapucaia do Sul, primavera de 2017  
Professora Margarete M. C. Noro

## Uma nova vida

Ana Paula Prestes da Costa Nunes



Minha luta contra o peso começou aos 20 anos, logo depois da minha primeira gravidez. No começo, não nos damos conta, não nos vemos “gordos” e sim um pouco acima do peso. Aos 25 anos, comecei tratamentos, caminhadas e dietas. Perdi 12 kg em 3 meses. Porém, novamente acabei engravidando. Voltei a engordar os 12 kg perdidos e mais uns 30.

Simplemente não conseguia mais perder peso e tinha muita ansiedade. Isso dificultava minha meta, que era pelo menos chegar aos 70 kg. Esse ainda não seria meu peso ideal, pois, para a minha altura, eu

deveria pesar entre 48 e 50 kg.

Alguns anos depois, comecei a trabalhar. Achei que isso me beneficiaria na busca pela perda de peso. Contudo, não foi isso que ocorreu. Fui contratada para auxiliar de cozinha, e a situação só piorou. Porém, nesse período na empresa, passei a ter plano de saúde e, assim, comecei a me tratar outra vez. Fui ao endocrinologista e fiz tratamento por mais ou menos um ano. No começo, até perdi uns 5 kg, mas ainda era pouco. Até que um dia, em uma consulta, depois de uma avaliação, o médico olhou para mim e disse: “Acho que você deveria começar a pensar em uma Redução de Estômago...”.

Nossa! Levei um choque. Eu achava que ele estava exagerando, que eu não estava precisando de Redução, não estava tão gorda assim (hoje vejo que estava sim). Saí do consultório chorando. Eu sentia uma mistura de tristeza e medo. Tristeza por me achar incapaz de perder peso, e medo por fazer o procedimento e dar algo errado.

Comecei a trocar ideias com meus amigos Diego e Fran e principalmente com meu marido. Eles me aconselharam a fazer e diziam que estariam ao meu lado. Eu lembro quando fui conversar com meus filhos e minha filha disse que achava que eu não deveria fazer, pois ela tinha medo, e eu falei para ela: “Estou tomando essa decisão por vocês, para que eu tenha mais saúde e qualidade de vida e possa ter mais disposição no nosso dia a dia”. E ela assimilou. Enfim, fui ao lugar indicado pelo médico para encaminhar a cirurgia. Chegando lá, até me empolguei ao ver as fotos dos operados. Conversei com o cirurgião e ele me deixou à vontade, pois ainda passaria por várias etapas de exames e procedimentos e, até o final deles, eu decidiria se operaria ou não.

Desde esse dia, comecei minha sina com exames, médicos, dietas, reuniões, e nada dos médicos me liberarem. Cheguei lá com 81 kg e fui aos 91 kg em um ano. Passei a me sentir enrolada e desisti de tudo. Passei um ano correndo, fazendo tudo o que me pediam e, mesmo assim, não havia resultados.

Até que, em 2015, fui conversar com um colega que havia feito a cirurgia. Ele estava bem e tinha dado tudo certo. Assim, ele me indicou o cirurgião dele. Nessa ocasião, eu já estava desanimada e mais gorda ainda, mas resolvi ir ao consultório do tão famoso cirurgião Eduardo Trindade. Quando eu cheguei lá, levei outro susto, pois ele foi muito direto: ele disse que minha cirurgia seria para ontem, porque eu estava obesa e meu IMC já estava em 38. Fiquei assustada e com mais medo ainda. O que mais me assustou foi o fato de sair do consultório com a cirurgia marcada. Fiz tudo o que o médico me pediu: fiz exames e fui aos especialistas indicados. Contudo, a cirurgia não aconteceu, pois o plano não autorizou, sempre faltava alguma coisa.

E, assim, minha cirurgia foi marcada e remarcada cinco vezes. Quando eu novamente já estava desistindo, o Hospital me ligou e disse que finalmente a cirurgia havia sido autorizada. Então foi uma mistura de sentimentos, medo, felicidade e dúvidas..., mas eu já confiava no meu médico e sabia que ele cuidaria de mim (como cuida até hoje).

Enfim, no dia oito de junho de dois mil e quinze, minha cirurgia aconteceu. Meu marido me levou e ficou comigo o tempo todo. Era ele, eu e o meu médico. E eu sabia que iria dar tudo



certo. Meu médico, sempre solícito, me deixou tranquila e sem medo. Coloquei minha vida nas mãos dele e pedi a Deus que o guiasse, e assim foi feito. Passei bem, meu corpo reagiu bem, não tive dores e, no outro dia, já estava indo para o quarto. Assim que fui para o quarto, meus amigos Diego e Fran foram me ver, cumprindo a promessa de estarem ao meu lado. Minha fase pós-cirúrgica foi tranquila. Passei pelos quinze dias da dieta líquida e pelos vinte dias da dieta pastosa sem fome, sem tonturas e sem arrependimento.

Hoje sou outra pessoa. Não mudei só fisicamente, mudei a maneira de ver o mundo. Minha saúde está bem melhor, minha autoestima aumentou, não tenho medo de desafios, sou mais segura. Essa cirurgia mudou minha vida. Voltei a estudar, fui promovida no trabalho e uso manequim 38 hahaha... (eu usava 56/58).

Só tenho a agradecer a Deus e as pessoas que Deus colocou na minha vida no momento certo de cada etapa vencida. Tenho ORGULHO de mim, pois fui determinada diante de todos os percalços que surgiram, tive medo, mas segui em frente. Descobri em mim uma força que eu não sabia que tinha. Enfrentei 15 dias de dieta líquida depois de ter passado uma vida toda mastigando. Às vezes, ainda escuto: “Mas com redução é fácil!”. Fácil não foi, mas não foi impossível. Eu sobrevivi e faria tudo outra vez...

Vida!

Berenice de Souza Adolfo

Numa noite de fevereiro de 2012, realizando um autoexame, identifiquei um pequeno caroço em meu seio direito. Busquei rapidamente ajuda médica e, após algumas consultas e exames, o diagnóstico foi cruel: tratava-se de um câncer de mama. Na época, eu pouco sabia sobre a doença, mas já havia escutado relatos sobre mulheres que foram mal atendidas ou esquecidas pela saúde pública e tiveram que seguir seu destino silenciosamente, contando apenas com o carinho da família e dos amigos, não tendo a oportunidade de contar a sua história. Procurei man-



ter minha fé em Deus, acreditando que ele mostraria o caminho certo a seguir.

Em um mês, com a ajuda e empenho da Dra. Maira Caleffi e de sua equipe, consegui realizar a cirurgia para retirada de um nódulo. O primeiro passo foi vencido. Depois, na continuação do tratamento, fiquei sabendo que teria que passar por 04 sessões de quimioterapia e

33 sessões de radioterapia. A notícia se espalhou rapidamente e muitas pessoas ficaram sabendo, entre elas minha prima Vilma, amiga querida e muito próxima. Ela e minha irmã Cenara tiveram a ideia de organizar, com a ajuda de meus familiares e amigos, um almoço beneficente e uma rifa para me ajudar a custear o tratamento. Muitas pessoas auxiliaram, algumas anonimamente. Nessas horas, toda ajuda é bem vinda, mas o carinho que recebi certamente foi fundamental.

No dia do almoço, eu já tinha realizado a cirurgia e cortado meus cabelos encaracolados. Com ajuda do meu primo João Luiz, lá estava eu estreando meu novo visual: uma peruca de cabelos lisos. Era estranho colocá-la, mas, ao mesmo tempo, ela me ajudou muito a superar a realidade, mantendo em alta minha autoestima. Aquele foi um dia maravilhoso e inesquecível. Com a ajuda de todos, foi possível dormir mais tranquila e continuar o tratamento revigorada.

Nessa época, muitos caminhos foram percorridos em longas caminhadas, quando eu aproveitava para refletir sobre cada momento da minha vida. Muitas vezes, na sala de espera da radioterapia, eu notava que o problema que eu tinha era pouca coisa, se comparava com outros casos na minha volta. Muitos pacientes estavam em estado terminal e, ainda assim, se mostravam extremamente confiantes.

Hoje eu só tenho que agradecer a todos que me ajudaram a vencer essa batalha, que ainda não se encerrou totalmente, pois sigo com o tratamento e acompanhamento médico regularmente. Mas a certeza de que o pior já passou me dá forças para seguir

adiante e ainda realizar outros sonhos, entre eles a conclusão dos meus estudos. Eu me considero uma grande vencedora e busco aproveitar ainda mais cada pequeno momento desta dádiva de Deus, que é a nossa VIDA.

## Infância

Daniele Silva Cervo



Nós somos entre dez irmãos, todos do mesmo pai e da mesma mãe. Minha mãe passava muito mal com remédios e não tinha muito conhecimento. Assim, ela foi tendo um filho atrás do outro até que, quando foi ganhar o último, o médico disse que, se tivesse mais um, poderia ficar na mesa do parto. Dessa forma, decidiu fazer a ligadura de trompas.

Meus pais eram bem pobres, não tinham muitas condições financeiras para nos criar. Então, minhas duas irmãs mais velhas ficaram morando com minha vó materna, sendo que uma tinha um ano e a outra dois.

Nessa época, minha mãe morava com seus pais. Por isso, minhas irmãs acabaram se apegando muito aos meus avós, e eles pediram para que as crianças ficassem com eles. Então, minha mãe foi embora de casa da minha vó para morar com o meu pai. Daí ela foi tendo um filho por ano. Teve que parar de trabalhar, pois não tinha mais como trabalhar e cuidar de todos os filhos.

Meu irmão mais novo quase morreu, pois teve uma complicação quando nasceu. Desse modo, minha tia pegou ele para criar. De fato, minha mãe não teria condições de cuidar do bebê, ele estava muito doente.

Passamos muito trabalho durante minha infância. Meu pai ficou desempregado e minha vó nos ajudava com comida. Agora

todos estão bem e trabalham. Meu pai não mora mais com minha mãe, pois eles se separaram quando eu tinha 16 anos. Todos os filhos homens ainda moram com minha mãe, e as minhas irmãs mais novas também. As mais velhas saíram da casa da minha vó já casadas. Temos uma convivência muito boa, somos irmãos bem unidos, estamos sempre nos reunindo na casa da minha mãe.

Hoje percebo que todas as coisas pelas quais passamos em nossas vidas são aprendizados, exemplos para fazer igual ou nunca fazer. Aprendi muito com tudo isso, principalmente a dar muito valor para a família, ela é tudo para mim. Mesmo com todos os contratemplos, tenho muito orgulho da minha mãe, pois ela sempre esteve ao nosso lado para tudo. Quando me tornar mãe, quero ser uma mãezona assim e dar aos meus filhos o que não pude ter.

## Sobrenome

Gisele Cardoso do Nascimento



Desde pequena, ouço falar sobre a importância do sobrenome. A qual família você pertence? Essa é uma pergunta recorrente que me faço às vezes. Isso tem um significado peculiar para mim.

Minha mãe se casou aos dezessete anos e teve quatro filhos, meus irmãos mais velhos. Aos trinta e dois anos, ela se separou, mas não se divorciou, ficando com o sobrenome do seu primeiro marido.

Quando estava separada, teve um relacionamento nada sério e acabou engravidando de mim, mas não contou para meu pai que eu era sua filha. Ele até a questionou, mas ela negou, pois era uma mulher mais velha, separada, e ele apenas um garoto.

Ela acabou tendo um novo relacionamento, mas, quando

conheceu essa pessoa, estava grávida de mim. No entanto, ele não se importou e disse que me assumiria como sua filha.

Naquela época, não saíamos com registro de nascimento do hospital como é hoje em dia. Fui registrada com cinco anos e, nessa ocasião, eu já tinha dois irmãos mais novos, filhos do meu padrasto. Quando minha mãe foi me registrar, disseram que não seria possível, porque ela tinha o sobrenome de casada. Então meu padrasto registrou eu e meus irmãos mais novos (que também ainda não tinham sido registrados) somente com o sobrenome dele. Em nossa certidão de nascimento, não consta nome de mãe.

Minha mãe ficou casada por mais alguns anos, mas, quando eu tinha oito anos, veio a segunda separação. Assim, perdi o contato com meu pai (padrasto). Nos víamos muito pouco, pois ele arrumou outra família e até mudou de cidade. Eu me casei cedo, com dezesseis anos, e também mudei de cidade. Logo após, recebi a notícia de que meu pai (padrasto) estava muito mal e logo veio a falecer.

Na verdade, tenho poucas lembranças da figura de pai em minha vida. Meu pai biológico vi apenas uma vez, quando eu tinha mais ou menos dez anos. Ele me procurou, pois, depois de algum tempo, minha mãe resolveu contar a verdade e disse que eu era sua filha. Naquele momento, não o aceitei porque tinha meu padrasto como pai. Pedi, assim, que ele fosse embora. Como poderia chamar de pai um homem que nunca vi antes? Eu era apenas uma criança... Ele foi e nunca mais nos vimos.

Hoje me sinto deslocada e penso que o sobrenome que tenho não diz muito sobre mim. Me questiono sobre minha origem e minha identidade. Não tenho o sobrenome da minha mãe e tão pouco do meu pai biológico. Mas afinal, o sobrenome mudaria alguma coisa em minha vida? Realmente não sei!

O que eu sei é que hoje eu valorizo a minha família, minha filha e meu esposo. Dei para minha filha um pai maravilhoso. Somos uma família feliz e agradeço a Deus todos os dias por isso.

## O encontro de um grande amor

Gleice Priscila Viana Vargas



Em 1991, ocorreu uma excursão para Gramado, um passeio entre amigos da igreja. Cilce, com vinte anos de idade, foi com sua mãe Landina. Caminhando pela cidade, conhecendo seus encantos, elas caminharam até o lago. Cilce avistou um jovem rapaz caminhando solitário e olhando as paisagens daquela cidade. Ele tinha vindo junto com o mesmo pessoal da igreja, na excursão. Sua mãe olhou para ela e insistiu

para que Cilce fosse até ele, para conversar e fazer companhia. Foi o que a moça fez, ela o cumprimentou e perguntou seu nome. Ele se chamava Edson.

Eles foram até o lago juntos, conversando. Neste lago, havia pedalinhos e então ele a convidou para andarem juntos. Foi uma tarde maravilhosa. Na volta para casa, ele sentou ao lado dela no ônibus e foram conversando.

Passaram-se uns dias e Edson começou a ir mais vezes na igreja que Cilce frequentava. Ficava olhando e admirando sua beleza de longe, sorria para ela e demonstrava interesse. Começou a acompanhá-la até sua casa, para que ela chegasse com segurança, e se esforçava ao máximo para conquistar o coração de sua amada. Tinha atitudes de um homem completamente apaixonado. Em uma tarde, Cilce convidou Edson para ir um dia em sua casa, ele aceitou o convite.

Numa manhã de domingo, ela foi até a igreja e ele também. Saindo da igreja, Cilce pegou o ônibus e, em seguida, Edson entrou no ônibus, sentou-se ao lado dela e disse que ia a sua casa, já que ela havia feito o convite. Cilce o apresentou para sua família

e almoçaram juntos. No final daquele dia, ele perguntou a ela se os dois iriam namorar ou se era apenas amizade. Cilce disse que deviam esperar um pouco, para não ser rápido demais. Ela estava querendo parecer difícil. Enfim, os dias se passaram e eles continuaram conversando e flertando um com o outro.

Em um belo dia, saíram para passear e ele a pediu em namoro. Ela aceitou e então os dois começaram a namorar. O namoro durou seis meses e ele a pediu em noivado. Em outubro, se casaram numa linda cerimônia e até hoje estão casados e felizes. Tiveram cinco filhos: Mateus, Silvia, Gleice, Kelly e Thiago.

Meu nome é Gleice Priscila Viana Vargas e esta é a história de como meus pais se conheceram e, para mim, eles são o maior exemplo de um verdadeiro amor.

## Gratidão à família que tenho

Grazielle Mariana Santos de Souza



É muito difícil escrever sobre sentimentos verdadeiros, é difícil explicar o que sentimos e como nos sentimos quando o primeiro choro invade os ouvidos e acaba tocando o coração. É difícil demais, talvez impossível, definir em palavras qual é o significado de um filho em nossas vidas. E, dentre tantos momentos especiais que vivenciamos na companhia dos nossos pequenos, o nas-

cimento é a materialização de um sonho, é uma dádiva de Deus. Aos 15 anos, engravidei do meu menino, Mateus. Fiquei



com muito medo e sem saber o que fazer. Nunca tinha pensado em ter um bebê, ainda mais pelo fato de eu ser muito nova, não ter um emprego e muito menos estabilidade financeira.

Quando suspeitei da minha gravidez, falei para minha mãe, que me incentivou a levantar a cabeça e enfrentar as dificuldades que estavam por vir. Sou extremamente grata a minha mãe, Rosane, que, mesmo eu tendo engravidado muito nova, ficou ao meu lado, me acompanhou e me acompanha até hoje. Ah... Ela ama esse neto e essa filha também...

Meus irmãos mais velhos, Juliano e Aline, apesar de tudo, também permaneceram ao meu lado e me apoiaram nesse momento importantíssimo na minha vida. Além de tios, eles são dindos do meu pequeno.

E, então, no dia 29 de janeiro de 2011, às 11:02, a minha vida ganhou um novo sentido, pois foi a vez do Matheus chegar ao mundo. Um milagre de vida se tornava real e ali “nascia” uma mãe cheia de novos sonhos e um amor incondicional.

Contudo, muitas pessoas julgavam por eu ser muito nova. Apesar das críticas, eu sabia que estava fazendo e estou fazendo o que é certo, criando e educando meu menino. Agradeço a Deus por ter me dado forças para seguir em frente.

Eu aprendi, na minha vida, que temos que dar valor às coisas pequenas do dia a dia, como a simplicidade e a leveza do sorriso de uma criança. Enfim, a felicidade reside nas coisas mais simples do mundo.

Há quatro anos atrás, conheci o Adilson, uma pessoa muito especial que, desde que conheci, começou a fazer parte dos meus planos, dos meus sonhos e da minha realidade. Ele é um homem simples, honesto e muito dedicado a mim e a meu filho. Adilson me incentivou a evoluir espiritualmente e profissionalmente e, principalmente, a voltar a estudar.

Meu menino Matheus ganhou um pai de coração, um pai que cria, educa e que, acima de tudo, o ama. Talvez muitos critiquem, ou talvez não aceitem isso, mas pai é o que cria, e isso é a mais pura verdade. Pai é aquele que educa, que ensina, que transmite amor e carinho, que, apesar das dificuldades do dia a dia, está presente todos os dias, na escola, em casa, nas brincadei-



ras, nas atividades de final de semana. Enfim, nós somos uma família abençoada, brigamos bastante, mas a fidelidade, a lealdade e a vontade de ver e fazer o outro bem supera tudo! Um abraço muito especial a minha mãe Rosane, a meus irmãos Juliano e Aline, a meu filho Matheus e a meu esposo Adilson.

## Um fim de semana divertido

Isabel Cristina de Paula Velinho



Num belo sábado de sol pela manhã, eu e minha família resolvemos ir ao zoológico. Fomos eu, meus filhos, minha mãe e minha irmã. Estava um sábado maravilhoso. Minha filha, então com dez anos, ainda não tinha conhecido o

famoso zoológico de Sapucaia do Sul. Ela estava muito ansiosa para conhecer todos os animais, principalmente a girafa, por ser um animal muito grande.

Chegando lá, pagamos o ingresso de entrada e caminhamos em direção ao cercado das girafas. De repente, minha filha ficou muito triste e me perguntou por que as girafas não estavam lá.

Então um dos tratadores dos animais disse que teriam morrido. Segundo o tratador, o fato ocorreu quando a mamãe girafa estava esperando bebê, mas uma triste tragédia aconteceu, fazendo com que a girafa e seu filho acabassem morrendo.

Foi então que restou só o macho. Coitadinho, ficou sozinho naquele enorme cercado e acabou morrendo de solidão! Com isso, aprendemos que até mesmo os animais sentem falta de uma companhia e não gostam de estar sozinhos.

Apesar de termos ficado tristes com a situação, conseguimos ver muitos outros animais e, claro, tiramos muitas fotos. Mi-

nha filha amou seu primeiro dia de passeio no zoológico. Um passeio como esse é muito bom para reunir a família e aprender que a natureza é muito linda, mas também para reconhecermos que muitos animais não estão ali em uma situação ideal, porque estão fora de seu habitat natural.

Perguntei a minha filha qual foi o animal de que mais gostou. Ela disse que foi o urso de óculos. Para nós, aquele foi um domingo maravilhoso. Quando recordamos, pensamos sempre que não somos ninguém sem a natureza, assim como os animais do zoológico.

## Minha trajetória de estudante

João Marcelo Pires Nunes



Desde muito jovem, eu tive que ajudar em casa com as despesas, por ser o filho mais velho. Sempre fui uma pessoa esforçada, mas minha primeira desistência dos estudos foi com doze anos de idade, quando parei no quinto ano do fundamental.

Fiquei parado por dois anos e, com quatorze anos, retornei à escola. Terminei o ensino fundamental com dezoito anos. Mais uma vez, tive que adiar meus planos e ir trabalhar,

mas meu objetivo era concluir o ensino médio e depois fazer um curso técnico.

Arrumei um emprego de carteira assinada no horário das 08h00min às 18h30min. O meu esforço para continuar estudando era grande e, assim, consegui uma vaga em uma escola à noite. Cursei o 1º ano, o 2º ano e parei no 3º ano do ensino médio, porque fiquei desempregado. Não parei de imediato, mas era

difícil permanecer estudando sem emprego, pois não tinha dinheiro para me manter.

Foi então que consegui emprego. No entanto, no dia da entrevista com o empregador, ele me fez uma pergunta que me deixou apreensivo. Ele perguntou se eu tinha disponibilidade de horários. Desesperado, pois já havia oito meses que estava desempregado, eu disse que tinha disponibilidade de horário, mas, mais uma vez, eu teria que parar de estudar.

O emprego sempre vem em primeiro lugar e então fiz a escolha de parar mais uma vez com os estudos. Naquela ocasião, fiquei uns oito anos parado. Comecei no emprego no horário da noite e depois passei para o horário do dia, mas era pressionado a fazer horas extras, o que me impedia de retornar aos estudos. Os horários eram bem puxados, e eu acabei optando por outro emprego.

Quando eu consegui um novo trabalho, eu tinha em mente retornar urgentemente para os estudos. Contudo, a vida não é perfeita, e acabei arrumando um segundo emprego à noite, um free-lance de motoboy, porque, como ser humano que sou, queria adquirir bens através de trabalho.

Mas, finalmente, percebi que essa não era a melhor opção. Minha namorada, que havia estudado e já era formada, trabalhava 8 horas por dia e ganhava a mesma coisa que eu, que trabalhava em dois empregos. Pensei bem e optei por sair desse segundo emprego e voltar a estudar.

Através de uma amiga, fiquei sabendo do IFSUL e fiz a inscrição para o curso de administração. Até achei que não iria passar, mas passei no processo seletivo. Assim, retornei aos estudos e aqui estou escrevendo minha trajetória.

Agora, minha perspectiva é concluir o curso técnico e fazer a faculdade de administração. Penso que, se você tem um sonho ou objetivo, deve ser determinado e insistente, pois, na maior parte da trajetória, vamos ter obstáculos que devem ser superados.

## A mão de Deus em nossas vidas

Karen Patrícia Vicente Fischborn



Um feriado sempre é sinônimo de descanso, dia de estar com a família reunida, curtir e aproveitar. Mas, como a nossa vida é uma caixinha de surpresas, a minha não foi diferente naquele dia.

Era o dia 02 de novembro de 2016, feriado de Finados, uma quente e ensolarada terça-feira. Pela manhã, tomamos nosso café reunidos na mesa, com

muita animação e projetos para o dia que se iniciava.

Meu filho mais velho, William, então com 20 anos, estava, desde o dia anterior, tentando fazer copos a partir de garrafinhas de vidro de cerveja, juntamente com seu primo. Era perto do meio dia, eu estava preparando o almoço. Eles estavam naquela função dos copos na pia da churrasqueira. Eu, vendo aquilo, sentia uma certa agonia, pois parecia perigoso. Mas, como ele já não é uma criança pequena, foquei em meus afazeres.

Não demorou muito, ouvi gritos vindo da rua. Olhei para a pia da churrasqueira e não vi o William, o que bastou para me desesperar. Larguei tudo e saí correndo para ver o que estava acontecendo. Ao chegar no corredor que leva à garagem, me deparei com meu marido com nosso caçula, Jean Karllo, no colo, correndo desesperado. Meu filho William vinha atrás gritando que o carro iria explodir.

Fiquei parada, tentando entender aquela terrível situação. Foi quando avistei o carro do meu filho em chamas na garagem. Ele não estava conseguindo fazer os copos com um procedimento

que vai álcool, então pensou que com gasolina seria mais eficaz. Foi até o carro para tirar um pouco de gasolina levantando o banco de trás, direto do tanque. Ele estava dentro do carro quando aconteceu a explosão. Até hoje não sabemos o que desencadeou aquela situação.

Foram momentos de angústia e pânico. Em poucos segundos, o fogo tomou conta de tudo ao redor. Ao lado da garagem, ficava a casa da minha sogra, que, em pouco tempo, também foi atingida pelas chamas.

Mesmo vivenciando aqueles minutos de terror, consegui tirar forças não sei de onde para conduzir a situação. Sem demora, liguei para os bombeiros, que levaram alguns minutos para chegar. Aparentemente, meu filho não havia se ferido com gravidade. No entanto, acompanhei seu desespero por causa da avó, que estava dentro da casa dela. Meu marido e eu tivemos que ter muita força para contê-lo, pois queria enfrentar as chamas para salvar a avó. Contudo, graças a Deus, meu vizinho conseguiu pular o muro e a tirou de lá.

Com muito trabalho, os bombeiros conseguiram apagar o fogo, e o que ficou foi um cenário de destruição total. Meu filho William foi levado para o hospital, com queimaduras no rosto, nos braços, nas mãos e nas pernas devido ao vapor que antecedeu a explosão.

Tive o chão arrancado de meus pés ao chegar ao hospital e me deparar com aquela pessoa, por quem eu daria minha vida, toda enfaixada, com sérios ferimentos. Mais uma vez, tive que resgatar minhas forças e enfrentar aquele pesadelo. Após três semanas de internação, finalmente ele teve alta. Com muitos cuidados e todo meu amor, ele foi melhorando.

No entanto, esse episódio me marcou muito porque estive frente a frente com a possibilidade da perda de um filho. Não consegui sair daquela situação e todos os dias eu revivia aquele pesadelo. Ainda mais quando fiquei sabendo depois que meu cachula estava na porta do carro, observando o que o mano estava fazendo. Tudo se juntava na minha cabeça: eu poderia ter perdido o William, meu pequeno Jeann e meu marido naquele dia. Passei por um quadro de depressão e síndrome do pânico, o que me levou a inúmeras consultas com um psicólogo e medicamen-

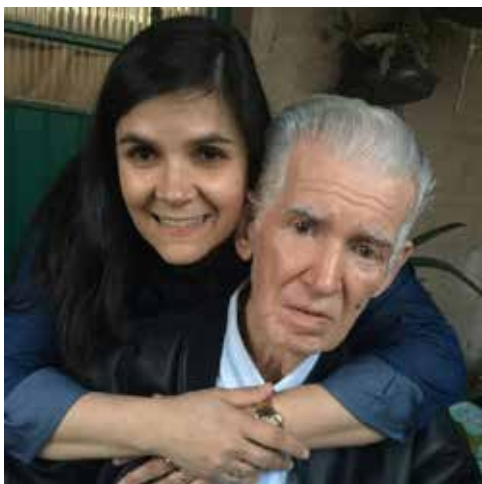
tos durante algum tempo.

Por consequência, abandonei meu curso no IFSUL, pois eu não tinha mais condições de concentração. Foi uma pena porque já estava no fim do semestre e faltava pouco para terminar. Tive colegas maravilhosas que tentaram de alguma maneira me incentivar a voltar, assim como houve pessoas que simplesmente se afastaram e me deixaram onde eu estava: no chão.

Minha vida estava um caos. Foram dias muito difíceis para toda minha família. Mas, como o tempo é o melhor remédio para tudo, consegui me reerguer e entender que Deus havia me dado a graça de uma nova chance: a chance de continuar sendo a mãe do William e do Jean Karlo e de continuar tendo o privilégio de desfrutar da companhia deles. Agradecerei todos os dias pelo milagre que Deus operou em nossas vidas. Eu amo vocês meus filhos... E a vida segue seu curso...

## Te amarei eternamente!

Margarete da Silva Freitas



Tudo aconteceu em uma noite do dia 20 de Setembro de 2016. Eram dez e meia da noite quando minha mãe ligou: “Filha, venha rápido, seu pai não está bem!”. Levantei assustada, pois já estava dormindo. Cheguei rápido à casa de meus pais. Quando entrei, o procurei no quarto. Ele estava deitado com uma febre de 40 graus, e sua pressão estava 9 por 7. Assim,

percebi que tinha que ser rápida. Chamei o SAMU e o levamos para o hospital.

Meu pai tinha Alzheimer há dez anos, e descobrimos um tumor no intestino, agravando muito seu quadro. Fiquei com ele

no hospital por dias, foi quando minha vida passou toda na minha mente, como um filme. Lembrei-me das brincadeiras, dos pirulitos e das balas que ele trazia todos os dias ao chegar do trabalho, das músicas que ele tocava e cantava com maestria.

Eu e meu pai nunca brigamos. Por todo o tempo que passamos juntos, da infância até minha vida adulta, jamais trocamos palavras hostis. Além disso, nos conhecíamos pelo olhar.

Gostaria muito de dizer que ele melhorou e voltou para casa, mas, infelizmente, meu pai faleceu na manhã do dia 26 de Setembro, depois de eu segurar sua mão e dizer: “Pai, você está cansado? Tá com muita dor? Você quer é descansar na verdade, eu sinto! Então, deixo você partir, pai. Você cumpriu sua missão aqui na terra com louvor, vou ficar bem! Deixo você ir, pois vou te amar eternamente!”.

Então, ele olhou nos meus olhos, depois para minha irmã e partiu sereno, sem sofrimento. Ele nos deixou uma dolorosa saudade. Contudo, ficaram as lembranças que me emocionam e me fazem um bem enorme. Sei que a saudade fará parte de mim até nos encontrarmos novamente, pois quem amamos não morre, apenas parte antes de nós.

## A volta para casa

Odeti Maria Pereira Camargo



Quando criança, eu vivia com a minha família na zona rural de Venâncio Aires. Em 1970, quando eu tinha 3 anos de idade, eu e minha família migramos para uma cidade grande em busca de uma vida melhor. Eu tinha duas irmãs e um irmão.

Tudo corria bem até dezembro de 1973, quando ocorreu a morte de meus pais. Naquele momento, eu acabava de perder



a minha família. Nossos tios trabalhavam para nos sustentar e a nossa vó cuidava das quatro crianças.

Contudo, sem entendermos, cada menina foi dada a uma família diferente, pois minha avó não tinha condições financeiras para cuidar das quatro crianças. Apenas o menino ficou morando com ela.

Eu tinha sete anos, já estava na escola e fui dada para uma senhora que morava sozinha e que não fazia parte da minha família. Fiquei morando lá até os catorze anos de idade. Aqueles foram os anos mais tristes da minha vida. Eu não entendia porque eu não podia ficar em casa com meus irmãos. Foram anos em que eu só pensava em ir embora. À noite, sonhando, eu levantava, arrumava a mala e caminhava pensando que estava indo embora. De repente, a senhora me acordava quando eu já estava abrindo a porta para sair.

Eu não tinha contato com meus irmãos, tinha que trabalhar e não podia ir à escola. A mulher que me criava dizia que mulher não estudava e também não me permitia brincar, apenas trabalhar para ela e para os vizinhos fazendo serviços domésticos.

Quando eu tinha 14 anos, meus tios me buscaram, pois descobriram que tudo que me mandavam ficava para ela, e também ficaram sabendo da exploração que eu sofria com o trabalho infantil.

Contudo, continuei sem poder frequentar a escola, pois precisava trabalhar. No entanto, pelo menos eu tinha um lar. Enfim, novamente estava com os meus tios, com minha avó e meu irmão. Já minhas irmãs continuavam com as famílias para as quais foram dadas.

Aos 19 anos, me casei e construí minha família. Diante do que passei, eu sempre quis proteger meus filhos, dar o máximo de atenção e condição possível, principalmente em relação à educação. Sempre falei para eles o quanto estudar é importante, mostrando-lhes quanta falta o estudo tinha feito para mim. Além da importância do estudo, sempre reforcei muito determinados valores, como respeito, honestidade, cuidado com o próximo, valores que já me tinham faltado.

Hoje, ao lado do meu marido e com meus filhos formados, estou aproveitando a oportunidade para estudar e para recupe-



rar o tempo perdido. Acredito que o estudo pode me tornar uma pessoa melhor e com mais conhecimento. Percebo o quanto meu senso crítico mudou até agora e não pretendo parar, pois sempre podemos nos aprimorar mais, sempre há mais o que aprender. Além disso, quero poder auxiliar meus netos, quando os tiver, e ajudar inclusive crianças e adolescentes que ainda hoje passam o que passei há quarenta e quatro anos atrás. Quero transmitir a mensagem de que não há dificuldades e problemas que não possam ser superados quando queremos.

## Minha segunda mãe

Rosemeri Pagani de Souza



Comecei a namorar muito cedo, aos 13 anos. Com 16 anos, me casei e fui morar nos fundos da casa da minha sogra. Desde que me casei, minha sogra sempre falava: “Não quero morrer sem conhecer um neto”. Ela tinha diabetes e já tinha perdido a visão. Eu era a sua única nora, pois meus cunhados eram solteiros naquela época. Meu marido não teve irmã, então eu era a filha que meus sogros não tiveram. Minha sogra me tratava como se eu fosse uma filha, era muito boa para mim

Eu não pensava em ter filhos tão cedo, porque eu e meu marido éramos muito jovens. Mas, como eu gostava muito da minha sogra, quando fez um ano que eu tinha casado, parei de tomar anticoncepcional. Não contei para ninguém, pensando em fazer uma surpresa. Só meu marido sabia.

Quando suspeitei que estava grávida, contei para minha mãe e fiz um exame de sangue, mas era alarme falso. Foi quando a sogra descobriu que eu estava tentando engravidar. Ela ficou muito contente e já queria comprar roupinhas de bebê.

Mais ou menos dois meses depois, em certo dia, falei para meu sogro: “Estou com muita vontade de comer um arroz com galinha, faz para mim?”. Ele disse: “Isso é desejo ou não?” Eu falei que achava que sim. Ele fez e eu comi muito. Na semana seguinte, fiz um exame e deu positivo.

Nossa! Foi muita alegria para mim e para todos da família, pois seria o primeiro neto de meus pais e meus sogros. Finalmente, minha sogra pôde ir às compras, e minha mãe começou a fazer conjuntos de tricô.

Com sete meses de gestação, fiz uma ecografia e descobrimos que era um menino. Minha sogra ficava cada vez mais ansiosa na espera pelo nosso príncipe. Finalmente, ele nasceu no dia 10 de Agosto de 1991, com muita saúde.

Todos os dias de manhã, minha sogra acordava e ia lá para minha casa curtir o neto que tanto queria. Não ficava em pé com ele, porque tinha medo, pois não enxergava. Então, ficava sentada, embalando o neto.

Quando ele tinha nove meses de idade, começamos os preparativos para a festa de um ano. Ela comprou a roupa para ele usar na festa. Chegado o grande dia, foi tudo perfeito, todos se divertiram, principalmente minha sogra, ela estava realizada.

Na semana seguinte, minha querida sogra ficou doente. Teve bolha no dedo e não melhorava. Foi internada e cada dia ficava pior por causa da diabete. Ela teve que amputar dois dedos do pé. Eu deixava o bebê com minha mãe para ir ao hospital. Contudo, nunca imaginava que iria acontecer o pior. Sempre tive esperança de vê-la bem em casa de novo, com seu neto.

Infelizmente, em 18 de Setembro de 1992, aconteceu o falecimento dela. Aquele dia foi um dia muito triste para todos nós da família, pois não tinha quem não gostasse dela. Foram momentos muito difíceis para mim, pois ela era minha companheira de todos os dias. Mas, pelo menos, eu penso que ela partiu realizada por conhecer um neto que tanto amou. E, embora por um curto período, ela curtiu muito seu neto.

Como era muito novo, meu filho não se lembra da avó, mas sempre contei tudo sobre ela, para que ele soubesse o quanto ela gostava dele e para que ele sempre se lembre dela com carinho.

## Meu novo recomeço

Sílvia Maria Rodrigues



Em dois mil e quinze, resolvi realizar o meu sonho de voltar a estudar. Comecei fazendo o ensino fundamental na EJA. Eu tinha parado de estudar fazia quase trinta anos. Parei de estudar porque tinha que trabalhar e porque também casei.

Retornando aos estudos, tive uma turma maravilhosa e uma professora espetacular. Ela é uma pessoa humana e muito gentil, que nos incentivou a continuar em frente.

Certo dia, uma colega do IFSUL foi até nossa escola para falar sobre sua experiência no instituto e sobre como estava sendo gratificante para ela estudar naquela instituição fazendo o PROEJA.

Dessa forma, eu e mais cinco colegas ficamos entusiasmados para fazer a prova classificatória do IFSUL, para fazer o ensino médio e um curso técnico. Participamos da seleção e só um dos colegas não conseguiu alcançar a sua meta.

Assim, eu e outros quatro colegas entramos no IFSUL Campus Sapucaia em 2016 e começamos a fazer o curso de Administração. Contudo, tivemos que superar muitos obstáculos e dificuldades por estarmos muito tempo sem estudar.

Por motivos particulares, quatro dos colegas trancaram a matrícula no decorrer do curso. Apenas eu continuei com o intuito de ir até o final do curso e me formar. Este foi sempre o meu

sonho: voltar a estudar, ter um bom currículo e conseguir um bom emprego.

Enfim, posso dizer que não tem nada mais emocionante do que voltar a fazer uma coisa que você sempre sonhou. Eu aconselho a todas as pessoas que desejam voltar a estudar e estão desanimados que sigam em frente, como eu fiz, e, por isso, estou muito feliz.

### Ama de leite

Vanessa Crislaine dos Santos



Era domingo... Nossas vidas tinham virado uma rotina cansativa, pois meu sogro estava hospitalizado no Hospital de Clínicas da capital. Seguíamos todos os dias para vê-lo já que seu estado de saúde necessitava de muito cuidado. A família estava muito abalada.

Naquele domingo, decidi não ir ao hospital, pois estava muito cansada. Tinha meus dois filhos pequenos, Eduardo e Leonardo, sendo que o último eu amamentava. Minha sogra, como já sabia que eu não iria, resolveu ligar para minha casa, pedindo que eu fosse até lá.

Chegando ao hospital, no horário de visita, minha sogra me levou ao quarto de uma mãezinha que estava com infecção hospitalar e não podia amamentar. Eles solicitaram que eu amamentasse uma menina recém-nascida, que sentia fome. Eu concordei e a amamentei com muito gosto. A mãe da criança demonstrava estar muito feliz, mesmo abatida, em cima de uma cama, e minha felicidade era mútua em poder ajudá-las.

Conversando com aquela mãe, soube que ela não poderia amamentar, pois estava fazendo tratamentos com antibióticos. Além disso, sua situação financeira não era das melhores para depender de fórmulas (leites artificiais).

Todos em minha família ficaram felizes por eu poder ama-

mentar a menina, porque essa seria a maneira mais natural e mais saudável de alimentar e aconchegar aquele ser que acabara de nascer. Para mim, aquele foi um ato muito importante. Senti-me realizada em poder ajudá-los por um momento.

Toda mulher que amamenta é uma possível doadora de leite. Para doar, basta ser saudável e não tomar medicamentos que interfiram na amamentação. A doação de leite materno é importante porque ajuda a salvar a vida de milhares de recém-nascidos prematuros e de baixo peso internados, que não podem ser amamentados pela própria mãe. Um pote de leite materno doado pode alimentar até 10 recém-nascidos por dia. Dependendo do peso do prematuro, 1 ml já é o suficiente para nutri-lo.

Com o leite materno, a criança se desenvolve com saúde, tem mais chances de recuperação física e fica protegida de infecções, diarreias e alergias. Por tudo isso, soube da importância do ato que estava praticando.

A família de meu marido sempre quis muito uma neta mulher, pois meu sogro e minha sogra têm três filhos homens e tinham até então somente netos homens. Assim, ficamos muito contentes em poder ajudar aquela família, saciando a fome da menina, que sentimos, naquele momento, como se fosse um membro da família.

Depois de alguns meses, tivemos a perda do meu sogro, o que foi um choque para todos. Após três anos e alguns meses, fiquei grávida novamente, agora de uma menina, a princesa da família.

Meu sogro, se estivesse entre nós hoje, seria uma pessoa feliz por completo. Nossa família agora é constituída por quatro netos homens e uma neta menina. Minha filha foi a realização de um sonho de quem não teve uma filha mulher. Acho que o cara lá de cima decidiu nos abençoar coma a chegada da Raissa.

Uma mãe reconhece na outra as dúvidas, as primeiras conquistas, as noites mal dormidas, as histórias contadas mais de mil vezes. Uma mãe reconhece na outra os sentimentos que não cabem no peito e também o poder que só as mães têm: o poder da doação. Por isso, um dia ajudei uma mãe doando um pouco de leite à sua filha quando eu ainda não tinha minha menina.

Assim sugiro: Se você puder, doe leite materno. Um pouco que você doe é tudo para quem precisa e é muito gratificante.

## Superação

Vera Lúcia Rosa da Silva



A história que vou contar aconteceu com alguém perto de mim, com minha irmã. Ela era casada e tinha duas filhas. Porém, seu casamento começou a ter crises, e veio a separação. Então, minha irmã teve outro relacionamento, que deu origem a mais um filho, mas infelizmente também não deu certo. A partir daí, ela começou a se envolver com pessoas

de má influência, que a levaram a usar drogas.

Envolveu-se com as drogas de tal forma que começou a vender as coisas de dentro de casa, colocou as duas filhas num orfanato e deu o menino para uma mulher criar. Depois, vendeu sua casa e tudo que tinha para as drogas. Não tendo onde morar, começou a dormir debaixo de passarelas e em casas abandonadas. As únicas coisas que tinha era um colchão e uma coberta velha. Muitas vezes se alimentava de comida que encontrava no lixo para não morrer de fome.

Eu e minha outra irmã a internamos duas vezes em uma clínica para dependentes químicos, mas ela acabava fugindo. Nossa família ficava sem saber de seu paradeiro. Entrávamos nas bocas de fumo na esperança de encontrá-la, e, muitas vezes, a encontrávamos toda suja e drogada. Para ela, estava tudo bem, mas era deprimente para sua família vê-la naquele estado.

Nessas idas e vindas, minha irmã conheceu um rapaz. No

entanto, ele também usava droga e usava uma droga mais pesada, o crack. Assim, ela começou também a usar o maldito crack. Os dois moravam juntos, mas tudo o que conseguiam eles vendiam para comprar as drogas. Certo dia, os dois brigaram e ela saiu porta a fora com uma garrafa de cachaça, atravessou a RS, e um carro a atropelou. Ela teve fraturas e vários ferimentos pelo corpo. Além disso, ela estava grávida e acabou perdendo o bebê.





# HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



**INSTITUTO FEDERAL**  
Sul-rio-grandense

Câmpus  
Sapucaia do Sul



Curso Técnico em  
**Administração**